

BRASIL – A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE COMERCIO EXTERIOR FRENTE À GLOBALIZAÇÃO

* Jovelino de Gomes Pires

1- A partir de março de 1995 ingressaram nas universidades a maioria dos alunos que assumirá suas funções no início do século. Serão dezenas de milhares de profissionais diplomados e que deverão participar dos processos decisórios de nossa Nação. Com eles e por eles devemos fazer um Brasil mais justo e desenvolvido.

2- O cenário com que se defrontarão esses novos diplomados, por certo, não será o que temos hoje em dia. Isto parece inquestionável, variando a posição dos cientistas e dos pesquisadores sobre a velocidade das mutações que levarão ao desaparecimento/superação de 50% a 90% das tecnologias hoje em funcionamento. A universidade cada vez mais precisa “ensinar a aprender”.

3- Diante dessa conjuntura a Universidade trata de rever suas filosofias convencionais para: Induzir seus alunos a atuarem em cenários sujeitos a avanços freqüentes, como no campo das comunicações, onde o progresso da eletrônica é veloz e ao mesmo tempo; Observar que a competição internacional gera com freqüência obstáculos aos que não acompanham a “razão” do tempo tecnológico.

4- As bruscas mudanças que ocorrem no mundo globalizado aumentam substancialmente as responsabilidades dos administradores frente à questão empresarial. Não é nem será a posse de bens tangíveis (máquinas, equipamentos, imóveis, recursos financeiros) que garantirá o sucesso, mas sim a reserva e o desenvolvimento dos bens intangíveis dentro de cada unidade. Daí a importância de se valorizar o ensino, a educação, de se preservar e desenvolver os recursos humanos, possuidores de conhecimento, de espírito empreendedor, enfim, daqueles que podem apoiar, criar e ampliar nossa base tecnológica na corrida da 3ª Onda.

5- O Ministério da Educação, com a sua Nova Lei de Diretrizes e Bases, de autoria do falecido Senador Darci Ribeiro, abriu as opções de ensino, com a figura dos chamados cursos seqüenciais. Multiplicam-se ainda os MBA e a oferta de vagas nos centros de ensino superior. A par disso, o Provão trata de avaliar, ainda que sujeito a críticas, a qualidade do ensino ofertado.

6- Em uma economia globalizada, onde predomina o mercado, os países são hierarquizados, hoje mais pelo grau de tecnologia alcançada. Compete então ao Governo Federal, balizar os rumos de uma economia, cada vez mais gerenciada pelo setor privado. A idéia é planejar o desenvolvimento a fim de melhor alocar os recursos financeiros, ao tempo em que se aproveita eficientemente os nossos recursos intangíveis, principalmente aqueles que provam sua eficácia com nossos instrumentos tupiniquins.

7- Em função disso, é surpreendente que, ao tempo em que se multiplicam as vagas para estudantes de comércio exterior nas universidades brasileiras, até por força de pressão do mercado, o Governo deixe de usar seu inegável acervo tecnológico de analistas da área, como no caso da Secretaria de Comércio Exterior, ora em fase terminal, no Rio, como parece.

8- O órgão, a grande escola de Comércio Exterior Brasileira, foi rebaixado, reduzido, relegado. Passou pela nomeação de uma série de siglas (Cacex, DTC, DTIC, Decex, Secex, ...), mudou de gestores seguidamente e foi encolhendo, na falta de objetivação, aceleradamente. Jogar dinheiro fora é odioso para os órgãos governamentais; Parece que o mesmo não funciona quando se trata do mais importante trunfo que é a posse do conhecimento, da tecnologia.

9- A meta brasileira para o período 2000/2002 é crescer sua exportação para US\$ 100 bilhões anual e prover um superávit na sua balança comercial, de US\$ 5 bilhões este ano.

10- Com juros internos altíssimos, comparados com os praticados por nossos concorrentes internacionais; Com as contas governamentais sangradas na multiplicação de municípios e de um elevadíssimo déficit na

Presidência; Com um parque exportador baseado principalmente em produtos de commodities, onde o preço é ditado de fora, só falta mesmo acabar com os analistas de comércio exterior da Secex, para garantir um seguro recuo na balança comercial e um lugar na retaguarda da hierarquia das nações.

11- Estamos na contra-mão, portanto, da globalização, onde o principal trunfo, sem dúvida, é o potencial tecnológico gerencial, parte e gerador dos bens intangíveis necessários ao desenvolvimento. O que se espera da globalização não é tirar uma parte da riqueza de um setor, região ou país, mas sim aumentar essa riqueza de forma produtiva para todos.

12- A Universidade vem tratando de preparar agentes de mudanças, de desenvolver a capacidade de reflexão crítica daqueles que tratam da gestão empresarial. É a parte que nos cabe neste particular.

13- Ao Governo incumbe, como lícito representante do povo, manter e desenvolver seu corpo técnico, de mérito inequívoco, capaz de entender e gerir as diretrizes emanadas das esferas superiores, em prol de nosso desenvolvimento e soberania. Ordem e Progresso

14- Aos dois, Governo e Universidade, resulta o papel de alavancagem do País, neste mundo cada vez mais competitivo e de acelerada evolução tecnológica.

15- Chegar em 2000 com US\$ 5 bilhões de saldo na balança comercial e no ano 2002 com vendas externas de US\$ 100 bilhões, por certo vai precisar de muita criatividade e capacidade gerencial. E não vai ser, expurgando os técnicos de nível superior da Secex, com muitos anos de experiência, que chegaremos lá.

*** Jovelino de Gomes Pires**

Conselheiro do CRA/RJ, Professor titular da UNESA, Coordenador de Curso da Univ. do Grande Rio, Professor Convidado da FGV/RJ, MBA/EBAP e da PUC-IAG/RJ.